

²PROENÇA, M. Cavalcanti. "Os Balões Cativos", introdução para **A Morte da Porta Estandarte e Tati, A Garota e outras histórias**, 10.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.

³ANTELO, Raúl. **Aníbal Machado: Erosão da Pedra — reunião dos esparsos e inéditos**. Florianópolis, UFSC, 1983. (Inédito)

⁴Thomás Santa Rosa Filho (1909-1956) - pintor, gravador, coreógrafo, professor. Em 1930 chega ao Rio de Janeiro, iniciando carreira como ilustrador para obras de José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Jorge Amado. Escreveu também os livros **Roteiro de Arte e Teatro, Realidade Mágica**, publicados pelo então Ministério da Educação e Saúde, na coleção "Os Cadernos de Cultura". Não há data de impressão nos livros, mas supunho que sua publicação deva ter sido feita por volta de 1952.

⁵A respeito desse assunto, sugiro a leitura do artigo de Maria Angélica Lopes Dean, "Aníbal Machado e o Sonho", publicado no Suplemento Literário nº 813 de 1/5/82, p.6-7 do **Jornal de Minas Gerais**.

⁶ANTELO, Raúl. **Literatura em Revista**. São Paulo: Ática, 1984. p.62.

EM TORNO A ANÍBAL MACHADO

Rodolfo ALONSO*

A extraordinária vitalidade da literatura brasileira jamais deixa de me surpreender. Como um continente ainda virgem, para nós, leitores de fala espanhola, cada nova tradução é como uma buliçosa descoberta. Uma literatura que já conta em seu haver com não poucos cumes diversos e notáveis não pode deixar de contar, da mesma forma, com uma enorme produção de escritores que, embora nem sempre alcancem essas altu-as, trabalham com eficácia e dignidade.

Embora nos últimos tempos algo se tenha feito — ao menos, mais do que antes — para divulgá-la, a grande literatura brasileira continua sendo muito pouco conhecida em meu país, a Argentina, e também nos demais países irmãos da América Latina. E se a diferença de idiomas (que não é tanta) logo pode aparecer como um argumento capaz de explicar este fato infeliz, também é verdade que não é suficiente para nos fazer compreender como a metade de um continente pode ignorar completamente a outra metade.

Por exemplo, o límpido, esclarecedor e fecundo modernismo brasileiro, um movimento que — apesar da denominação comum — significa exatamente o contrário do que em nossas terras de fala hispânica (com raras exceções) foi lamentavelmente conhecido pelo mesmo nome. Diferentemente de outras vanguardas, o modernismo brasileiro não predicou nem recaiu em um universalismo abstrato, senão que compreendeu a partir de um princípio, e em todas suas múltiplas e cativantes facetas, as possibilidades reais e liberadoras de uma literatura nacional encarada sem formalismos nem retóricas. Donos de um idioma que ainda deviam tornar próprio com sua arte, conscientes de seu país, mas sobretudo de sua história e de sua gente, de suas carências e suas possibilidades, aplicaram o experimentalismo e os métodos que a liberdade de vanguarda lhes outorgava com a finalidade de expressar o que era seu, com a finalidade de apreender o que havia de próprio na atmosfera de sua terra e de seu povo (um povo vivaz e vivo entre os demais), e também com a intenção de comunicar isto a todos.

De algo mais ainda se deve falar. Do afeto, da afetividade, do legítimo sentimento fraterno, de pertencer a algo comum, a algo vivo, um sentimento neles não proibido pelo pudor ou pelo recato exagerado que, homens de outros povos, nos refreia, com o que os escritores brasileiros podem amar francamente sua terra, seu idioma, seus compatriotas... e seus próprios colegas. Em poucas literaturas foi vivido um ambiente de tão clara e franca fraternidade (salvo as inevitáveis exceções) como entre os modernistas brasileiros. Respeito e carinho mútuos, sempre vigiados pela atenta ironia e mesmo pelo saudável humor negro,

tiveram como resultado um clima de trabalho francamente vivificador. (Algo terá tido a ver com isto, intuo, o espírito vibrante, alegre e comunicativo de sua gente).

De tudo isto, busca a concreção de uma literatura nacional sem cair em chauvinismos, senão puro amor isento de xenofobias, tão rico de si próprio e conseqüentemente generoso, uso livre e despreocupado da linguagem e dos estilos, com o ouvido mais atento aos ritmos da vida que às regras da gramática, presença criadora do povo que é gerador e receptor de seu próprio folclore, e não apenas consumidor de modas importadas (como ocorre em outros casos trágicos), vigilância permanente da mais fina ironia, afeto fraterno entre os que exercem a mesma profissão criadora, de tudo isto pode ser um bom exemplo um homem como Aníbal Machado.

Porque o modernismo brasileiro, embora encarnado principalmente na poesia, veio abrir uma brecha que se tornou cada vez mais larga e fecunda. E é no ar livre que seguiu essa corrente renovadora, da qual no entanto preferiu manter-se independente, embora a maioria de suas amizades e sua filiação literária e humana o tenham feito membro dela, onde começa a inscrever-se na literatura brasileira contemporânea, entre tantos poetas de altíssimo nível, a prosa de um narrador original, de profundo conteúdo humano e elevado voo lírico.

Aníbal M. Machado é, sem dúvida, uma das figuras mais representativas e singulares da literatura brasileira contemporânea. Não só pela originalidade e humaníssimo interesse de sua produção literária, por outro lado não muito abundante e, em muitos casos, póstuma, senão porque chegou a encarnar em sua pessoa e em sua vida muitas das características vitais e mesmo cotidianas em que se moveram seus contemporâneos. Parente de Murilo Mendes, amigo íntimo de Carlos Drummond de Andrade desde sua juventude, pai de Maria Clara Machado e de outras cinco Marias mais, e sobretudo pai de **João Ternura**, o livro que era em realidade ele próprio, que chegou a converter-se em quase mitológico antes mesmo de ser impresso, o livro que era uma pessoa e que só foi publicado após sua morte, sua casa de portas

abertas, seu coração de portas abertas, mais sua ironia benevolente e seu agudo senso da liberdade e da justiça, o converteram em um paradigma vivo.

Como bem o diz seu amigo Drummond de Andrade na **Balada em prosa de Aníbal M. Machado**, composta pouco depois de sua morte:

"e enquanto os outros distribuem suas doenças, ele distribuía sua sensualidade saudável de viver e de interessar-se estética e concretamente pela vida; a vida, em sua totalidade; em movimento, forma e pintura, em carne, osso, injustiça, amor; a vida que ele queria limpa e visível para todos (mas isso já não depende dos mágicos)."

Porque Aníbal Machado foi, por sorte, um homem antes de ser um escritor. Sua casa na rua Visconde de Pirajá sempre esteve aberta, todos os domingos, durante mais de vinte e cinco anos, para qualquer amigo ou desconhecido que ali quisesse encontrar comunicação, diálogo, cordialidade, afeto, hospitalidade, sem nenhuma segunda intenção subalterna (literária ou de outra espécie). Ali se começou a falar de **João Ternura**, como de um personagem já existente embora o livro não estivesse escrito. E durante longas dezenas de anos o livro viveu, inédito, não escrito, junto com seu autor. E ninguém duvidou, no Brasil, de que aquele livro seria escrito, chegaria a concretizar-se.

O que nunca ninguém imaginou, talvez, é que o pudor, a sobriedade congênita de Aníbal Machado, o levariam a concluir sua obra apenas poucos dias antes de sua morte. Morte que lhe impediria vê-lo editado, mas não sabê-lo pronto, terminado. Porque **João Ternura** não era outro senão ele mesmo. E é primeiro como homem e ao mesmo tempo como artista, quase sem se propor a isso, que um indivíduo deste calibre se realiza e se torna fecundo.

No contato com poetas e na familiaridade com a poesia, viva e escrita, atinge-se também uma visão poética. Aquela que se respira em todos seus livros, nos inefáveis e singularíssimos **Cadernos de João**, e muito especialmente em **João Ternura**, que ele

não chegou a ver impresso e para o qual escolheu como testamenteiro literário precisamente um poeta, um grande poeta, seu amigo Carlos Drummond de Andrade, que foi o encarregado de cotejar os dois originais e decidir qual versão seria dada à imprensa. Pois embora o pudor de Aníbal M. Machado o fizesse denominar **Poemas em Prosa** um de seus livros, e embora todos seus amigos no Brasil e tenham considerado como poeta "bissexto", basta ler qualquer de suas páginas para que seu lirismo congênito nos seja imediatamente revelado.

Buenos Aires, maio de 1984.

*Rodolfo Alonso (1934) é poeta. Integrou o grupo "Poesia Buenos Aires", núcleo da geração de 50. Autor de **Saúde ou nada** (1954); **O músico na máquina** (1958); **Duro mundo** (1959); **O jardim de aclimação** (1959); **Faço amor** (1969, com prefácio de Drummond) e **Cem poemas escolhidos 1952-77** (1980). Traduziu Aníbal Machado, Murilo Mendes, Fernando Pessoa, Cesare Pavese, Ungaretti, Paul Eluard, Montale, Quasimodo, Campana, Valéry e os surrealistas. Em dez. 1956, o número 28 da revista **Sul** de Florianópolis apresentava um dos seus primeiros trabalhos.

MANUEL BANDEIRA: TRADIÇÃO E MODERNIDADE

Elvira dos Santos SPONHOLZ*

A presença do popular, entendido como projeção do folclore, na obra em verso de Manuel Bandeira, instiga o leitor a uma busca para saber até que ponto ele estava envolvido na reconstrução de um tempo e de um espaço, através da palavra poética.

*Professora de Literatura Brasileira da UFSC.